



7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



SALA DE ESPERA COMO ESTRATÉGIA PARA EDUCAÇÃO ALIMENTAR E NUTRICIONAL EM PACIENTES PRÉ E PÓS- TRANSPLANTE HEPÁTICO

Área temática: SAÚDE

Autores: Hugo Marcos Alves Vilhena Souza¹; Marina Luiza Lima Costa¹; Daiane Oliveira dos Reis¹; Isabela Cristina dos Santos Pedro¹; Maria Isabel Toulson Davisson Correia²; Simone de Vasconcelos Generoso³.

¹ Graduandos do Curso de Nutrição. Universidade Federal de Minas Gerais.

² Doutora Medicina (Cirurgia do Aparelho Digestivo). Professora Titular. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Medicina, Departamento de Cirurgia.

³ Doutora em Ciências de Alimentos. Professora Adjunta. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Enfermagem, Departamento de Nutrição.

Agência de financiamento: FAPEMIG.

Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Resumo (360 palavras): Introdução: A educação alimentar e nutricional pode estar inserida em diversos equipamentos públicos, dentre eles a Sala de Espera, que consiste numa área física com agrupamento de pessoas que aguardam atendimento profissional. Esse espaço pode ser ferramenta útil para ajudar os pacientes em situações que exijam maior atenção quanto aos cuidados de saúde e nutrição, como os candidatos ou já submetidos ao transplante hepático, de forma a compreenderem o tratamento e aprenderem a manejar os cuidados necessários por toda a vida, especialmente os aspectos dietéticos. Objetivo: Descrever experiências e resultados obtidos com a utilização da Sala de Espera em um ambulatório como espaço para educação alimentar e nutricional no contexto pré e pós-transplante hepático. Métodos: Estudo descritivo com abordagem quanti-qualitativa realizado no Ambulatório Bias Fortes da Universidade Federal de Minas Gerais. As atividades desenvolvidas consistiram em oficinas desenvolvidas por acadêmicos de Nutrição, nas quais foram abordados diferentes temas. O público-alvo foi pacientes

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



candidatos ou já submetidos ao transplante hepático e que aguardavam atendimento médico na Sala de Espera. A dinâmica das atividades seguiu a seguinte estrutura: apresentação dos facilitadores e convite para participar da oficina; entrega do pré-teste e do questionário de identificação; explanação sobre o tema; entrega do pós-teste e ficha de avaliação da oficina; encerramento e entrega de material educativo. A efetividade das oficinas foi avaliada por meio da aplicação de testes de conhecimento pré e pós-oficina, utilizando-se o teste *t student* para verificar a média de acertos obtidos antes e após as oficinas, considerando-se um valor de significância de 5%. Além disso, foram analisados os comentários e sugestões deixadas pelos participantes de forma a avaliar as representações dos pacientes em relação às atividades da Sala de Espera. Resultados: A amostra foi composta por 62 pacientes, sendo 23 pré-transplante e 39 pós-transplante hepático. A idade média foi 45,7 anos, sendo 32 do sexo masculino e 30 do sexo feminino. Verificou-se que após as oficinas, os participantes tanto pré como pós-transplante tiveram um desempenho melhor nos testes de conhecimento ($p < 0,05$). Conclusão: A construção da Sala de Espera revelou-se como um espaço de construção de conhecimento, compartilhamento de experiências, sentimentos, dúvidas e socialização dos saberes técnico-científico e popular.

Palavras-chave: Sala de Espera; Educação Alimentar e Nutricional; Transplante hepático.

1. Introdução

A educação alimentar nutricional (EAN) é um campo de conhecimento e de prática contínua e permanente, transdisciplinar, intersetorial e multifatorial que visa promover a prática autônoma e voluntária de hábitos alimentares saudáveis. É recomendável que a prática da EAN faça uso de abordagens e recursos educacionais problematizadores e ativos que favoreçam o diálogo junto a indivíduos e grupos populacionais, considerando todas as fases do curso de vida, etapas do sistema alimentar e as interações e significados que compõem o comportamento alimentar (BRASIL, 2011). De acordo com Freire (1996), “educar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção”. Nesse sentido, a EAN é uma importante ferramenta para a promoção da saúde, uma vez que possibilita a troca de saberes entre profissionais e usuários permitindo

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



a quebra da relação vertical, conseqüentemente leva a construção de indivíduos mais críticos e conscientes (WILD *et al.*, 2014).

A EAN pode estar inserida em diversos equipamentos públicos, e dentre eles está a sala de espera. Essa consiste numa área física com agrupamento de pessoas que aguardam o atendimento profissional. Esse espaço permite o desenvolvimento de ações educativas em saúde que estimulam discussões do cotidiano, abrindo espaço para reflexões que encorajam mudanças do estilo de vida e manutenção da saúde (TEIXEIRA & VELOSO, 2006). Além disso, a expectativa do atendimento desencadeia desgaste físico e emocional como irritabilidade, ansiedade e impaciência no indivíduo. Nesse sentido, atividades educativas podem suavizar a espera permitindo explorar situações mais complexas, esclarecimento de dúvidas, trabalho com as emoções, propiciando conforto e segurança (WILD *et al.*, 2014).

As doenças hepáticas avançadas, ou em estágio terminal, são responsáveis por alterações em diversos sistemas orgânicos, incluindo complicações metabólicas, desnutrição, perda da massa e da função musculares, alterações respiratórias, encefalopatia e demais sintomas (AGUIAR & BRAGA, 2012). O transplante de fígado é, geralmente, a única solução para falência hepática aguda e crônica, melhorando a qualidade de vida dos doentes e aumentando a expectativa de vida, sendo o segundo tipo de transplante de órgãos mais realizado no Brasil (ANASTÁCIO *et al.*, 2013). Entretanto, essas melhorias costumam vir acompanhadas com o aumento da prevalência de doenças crônicas como, hipertensão, diabetes, síndrome metabólica, hipercalemia geralmente superior às prevalências encontradas na população geral (SIMO *et al.*, 2011). Além dos cuidados no preparo e manipulação dos alimentos como também da higiene pessoal. Devido a isso, esses indivíduos necessitam compreender o tratamento e aprender a manejar os cuidados necessários por toda a vida, especialmente os aspectos dietéticos (MENDES *et al.*, 2012). Logo, o ensino e a capacitação do paciente são cruciais para o sucesso do transplante.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo realizar atividades de educação alimentar e nutricional, como também de promoção de saúde em uma Sala de Espera. As

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



atividades visam aproveitar o tempo de espera para transmitir aos pacientes, candidatos ou já submetidos ao transplante hepático, informações e orientações gerais que incentivam a melhoria da qualidade de vida e a adesão do paciente ao tratamento, estimulando assim o autocuidado.

2. Material e Metodologia

Trata-se de estudo descritivo com abordagem quantitativa e qualitativa realizado no Ambulatório Bias Fortes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A Sala de Espera é uma das ações do Projeto de Extensão Observatório de Metabolismo e Nutrição (OMenu), sendo implantada em 2013. As atividades consistem em oficinas semanais desenvolvidas por acadêmicos do curso de Nutrição, nas quais são abordados diferentes temas a cada semana. Os conteúdos programáticos enfocam a promoção de saúde, a prevenção e cuidados específicos sobre determinados agravos no contexto pré e pós-transplante hepático. As oficinas desenvolvidas são sempre realizadas nos dias de atendimento médico do ambulatório (terças ou quintas-feiras). O recurso didático é preparado pelos acadêmicos tendo como alvo o público que consiste em pacientes candidatos ou já submetidos ao transplante hepático e que aguardam atendimento médico na Sala de Espera. No Quadro 1 estão descritos os temas trabalhados nas oficinas. **Quadro 1.** Temáticas das oficinas realizadas na Sala de Espera. Ambulatório Bias Fortes. Belo Horizonte – MG.

Oficinas	Estratégia
Alimentação Saudável	Abordagem da classificação dos alimentos de acordo com o nível de processamento e dos “10 passos para uma alimentação saudável” da nova edição do Guia Alimentar para a população brasileira.
Conservação dos alimentos	Orientações sobre as maneiras adequadas de conservar os alimentos em casa, auxiliando na melhor utilização dos espaços na geladeira, no congelador e nos armários; como também na verificação de quando os alimentos não estão mais próprios para o consumo.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Diabetes	Explicação lúdica sobre a fisiopatologia dos tipos de diabetes e a atuação da insulina no controle da glicemia, como também a classificação dos carboidratos em simples e complexos e, orientações nutricionais.
Diet, Light e Zero	Abordagem dos conceitos e alegações <i>diet</i> , <i>light</i> e zero, destacando-se as diferenças entre esses e a comparação com a versão convencional.
Dieta Hipossódica	Explicação sobre o sódio e a importância da ingestão adequada desse mineral. Abordagem dos malefícios do consumo excessivo e do teor de sódio de alguns alimentos por meio de dinâmica, demonstrando-se a real quantidade desse mineral, presente em alguns alimentos, em medidas caseiras (choque visual).
Higienização	Explicação mimetizada sobre a técnica correta de higienização das mãos e explicação sobre os procedimentos adequados para a higienização correta dos alimentos (limpeza e sanitização).
Hipercalcemia	Explicação sobre o potássio e respectivas funções, como também sobre a importância da ingestão adequada e do cuidado desse mineral no pós-transplante, apresentando-se alguns alimentos e a devida porção com baixo, médio e alto teor de potássio.
Leitura de rótulos	Orientações sobre como realizar a leitura e a interpretação correta das informações contidas em rótulos de alimentos, utilizando-se rótulo ampliado de um produto como exemplo.
Óleos e gorduras	Explicação sobre os lipídeos, destacando funções, tipos e classificações, dando enfoque maior às gorduras <i>trans</i> , saturadas e insaturadas, e aos alimentos fontes de cada uma.

Os pacientes presentes na Sala de Espera são convidados a participar de uma oficina. Os interessados preenchem um questionário de identificação informando os seguintes dados: nome, idade, sexo, telefone de contato, cidade residente, escolaridade, profissão, diagnóstico médico e se já recebeu informações nutricionais. Ao final da oficina, os participantes recebem uma ficha de avaliação com duas escalas hedônicas para avaliar o grau de satisfação da oficina e o grau de importância dela no seu dia a dia, como também

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



um espaço para deixarem críticas e, ou sugestões. Materiais educativos, como cartilhas, panfletos e folderes, são entregues ao final, como complemento do que foi abordado. Além disso, os participantes respondem um pré e um pós-teste com quatro questões fechadas referentes à temática abordada de forma a avaliar a efetividade das oficinas.

A dinâmica das atividades realizada na Sala de Espera segue a seguinte estrutura: apresentação dos facilitadores e convite para participar da oficina; entrega do pré-teste e do questionário de identificação; explanação sobre o tema após o preenchimento e recolhimento do pré-teste; entrega do pós-teste e ficha de avaliação; encerramento e entrega de cartilhas após o preenchimento e recolhimento do pós-teste. Os dados obtidos em cada oficina foram lançados em uma planilha no programa *Microsoft Office Excel* versão 2010. Para cada paciente participante, foi calculado o número de acertos no pré e no pós-teste (zero a quatro acertos) nas oficinas em que ele participou. Em seguida, foi realizado o Teste *t student*, utilizando *Software SSP* versão 15.0, no qual calculou-se a média de acertos obtida pelos participantes antes e após as oficinas, o valor *p*, adotando-se um nível de significância de 5% ($p < 0,05$).

3. Resultados e Discussões

Caracterização dos sujeitos de estudo

Os dados apresentados a seguir referem-se ao período de setembro de 2015 a abril de 2016. Nesse período, sessenta e seis pacientes participaram das oficinas realizadas na Sala de Espera. No entanto, quatro pacientes foram excluídos por não informar se já realizou ou se é candidato ao transplante no questionário de identificação. Assim, totalizou-se um *n* de 62 pacientes, dos quais 23 são pré- transplante e 39 pós- transplante hepático, conforme apresentado na Tabela 1.

Com relação ao perfil da população estudada, 32 (51,6%) são do sexo masculino. A idade média foi de 45,7 anos, variando entre 9 e 73 anos. No que se refere à escolaridade, grande parte dos participantes possuía ensino fundamental incompleto. No que tange à ocupação, a maioria relatou ter alguma profissão. Em relação ao recebimento de

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



informações nutricionais, a maioria dos pacientes participantes das oficinas afirmou ter recebido algum tipo de orientação nutricional associada à patologia.

Tabela 1. Perfil dos pacientes participantes das oficinas realizadas na Sala de Espera de setembro de 2015 a abril de 2016. Ambulatório Bias Fortes. Belo Horizonte – MG.

Características dos participantes	N	%
Sexo		
Masculino	32	51,61
Feminino	30	48,38
Idade		
09 – 19	5	8,06
20 – 29	14	22,58
30 – 39	8	12,90
40 – 49	4	6,45
50 – 59	15	24,19
60 ou mais	16	25,80
Transplante hepático		
Pré	23	37,09
Pós	39	62,90
Escolaridade		
Fundamental incompleto	17	27,41
Fundamental completo	11	17,74
Médio incompleto	2	3,22
Médio completo	12	19,35
Superior incompleto	6	9,67
Superior completo	6	9,67
Nível técnico	1	1,61
Ocupação		
Aposentados	21	33,87

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Do lar	3	4,83
Estudantes	7	11,29
Demais profissões	25	40,32
Orientação nutricional prévia		
Sim	51	82,25
Não	11	17,74

Com relação ao diagnóstico médico, 18 pacientes (29,0%) eram portadores de cirrose hepática, sendo 2 (3,2%) causada pelo álcool e 3 (4,8%) cirrose criptogênica; 10 (16,1%) por hepatite, sendo 1 (1,6%) por hepatite C, 8 (12,9%) por hepatite autoimune e 1 (1,6%) hepatite fulminante; 3 (4,8%) por hepatocarcinoma; 1 (1,6%) por doença de Wilson; 4 (6,5%) por colangite esclerosante primária; 3 (4,8%) por atresia das vias biliares; e 23 (37,2%) não souberam informar.

Análise quantitativa das oficinas

Foram aplicados ao todo 68 testes de conhecimentos antes e após as oficinas realizadas. Vale ressaltar que há mais questionários aplicados do que o número total de pacientes na amostra. Isso se deve ao fato de o paciente poder assistir mais de uma oficina, o que ocorreu neste estudo, porém, ao analisar os dados, verificou-se que nenhum dos participantes assistiu uma mesma oficina mais de uma vez. Ao analisar a Tabela 2, observa-se que a média de acertos obtidas nos testes de conhecimento aumentou após a aplicação das oficinas ($p < 0,05$).

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



Tabela 2. Média de acertos nos testes de conhecimento aplicados antes e após oficina de setembro de 2015 a abril de 2016. Ambulatório Bias Fortes. Belo Horizonte – MG.

Teste de conhecimento	Total de Questionários respondidos	Média de acertos obtidos*	Desvio padrão*	Valor-p
Pré-oficina	68	2,24	1,15	<0,001
Pós-oficina	68	3,01		

*Valores expressos em média \pm desvio padrão. Teste *t student*.

Ao analisar a distribuição de acertos nos testes de conhecimento, cuja pontuação poderia variar de zero (0) a quatro (4), encontrou-se que apenas três pacientes obtiveram pontuação igual a 0 no teste pré-oficina, sendo 1 paciente pré-transplante e 2 pós-transplante, conforme apresentado na Tabela 3. Contudo, destaca-se que esses três pacientes apresentavam ensino fundamental incompleto. Além disso, observa-se que nenhum participante apresentou pontuação igual a 0, como também uma melhora no desempenho dos participantes nos teste de conhecimentos após a aplicação das oficinas, ao analisar os valores de mediana.

Tabela 3. Distribuição de acertos nos pré e pós-testes dos pacientes participantes das oficinas realizadas na Sala de Espera de setembro de 2015 a abril de 2016. Ambulatório Bias Fortes. Belo Horizonte – MG.

Pacientes participantes	Teste de conhecimento	Total de Questionários respondidos	Número acertos obtidos					Mediana de acertos
			0	1	2	3	4	
Pré-transplante	Pré-oficina	27	1	6	7	10	3	2
	Pós-oficina	27	0	2	5	6	14	4
Pós-transplante	Pré-oficina	41	2	6	16	12	5	2
	Pós-oficina	41	0	4	8	15	14	3

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



A Tabela 4 apresenta a média de acertos obtidos pelos pacientes pré e pós-transplantes antes e após a aplicação das oficinas. Verifica-se uma melhora estatisticamente significativa no desempenho nos testes pós-oficinas para os dois tipos de pacientes ($p < 0,05$). A princípio, os dois grupos de participantes apresentaram uma média de acertos bem próxima, porém após a aplicação das oficinas, pacientes pré-transplantes apresentaram uma média de acertos um pouco maior.

Tabela 4. Média de acertos dos pacientes pré e pós-transplantes nos testes de conhecimento aplicados antes e após oficina de setembro de 2015 a abril de 2016. Ambulatório Bias Fortes. Belo Horizonte – MG.

Pacientes participantes	Teste de conhecimento	Total de Questionários respondidos*	Média de acertos*	Desvio padrão	Valor- <i>p</i>
Pré-transplante	Pré-oficina	27	2,26	1,23	0,002
	Pós-oficina	27	3,17		
Pós-transplante	Pré-oficina	41	2,28	1,10	<0,001
	Pós-oficina	41	2,97		

*Valores expressos em média \pm desvio padrão. Teste *t student*.

Análise qualitativa das oficinas

As temáticas abordadas nas oficinas parecem ser importantes no contexto do transplante hepático. Muitos pacientes demonstraram bom grau de satisfação com relação às atividades desenvolvidas na Sala de Espera conforme registrado pelos participantes na ficha de avaliação entregue:

“As informações ajuda a informar na alimentação.” (Participante 1 – Pré-transplante).

“E bom para saúde, e bom saber qual alimentação e boa pra nos.” (Participante 2 – Pós-transplante).

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



“Todas são ótimas [referindo às oficinas].” (Participante 3 – Pré-transplante).

“Muito bom.” (Participante 4 – Pós-transplante).

Observa-se ainda que as informações passadas conseguiram despertar no paciente uma reflexão sobre os seus hábitos e a sua saúde. Essa reflexão constitui o primeiro passo para a mudança e pode ser vista no comentário do Participante 5 que reconheceu a necessidade de rever os seus hábitos, característica do estágio de contemplação, segundo o Modelo Transteórico.

“Tenho que abrir o olho.” (Participante 5 – Pós-transplante).

Além de gerar essa reflexão, as oficinas também despertaram o interesse dos participantes. A maioria dos pacientes recebe os acadêmicos de forma muito carinhosa e ainda pedem mais informações e orientações, como expresso nos comentários dos participantes abaixo que pedem uma divulgação maior das atividades e que os acadêmicos retornem com mais frequência. Esses dados indicam que o Projeto tem um impacto na vida dos pacientes como também os agrada bastante.

“Deveria ser mais divulgado [referindo às oficinas].” (Participante 6 – Pré-transplante).

“Voltar mais vezes [referindo aos acadêmicos].” (Participante 7 – Pré-transplante).

“Querida mais informação.” (Participante 8 – Pré-transplante).

“Que tenham mais oficinas para ficarmos inteirados sobre esse assunto, tão importante para o nosso dia a dia.” (Participante 9 – Pós-transplante).

Ademais, observa-se que alguns pacientes utilizaram a ficha de avaliação para manifestar suas demandas, como na fala do Participante 10, como também para apresentar

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



07 a 09 de setembro de 2016

algumas sugestões de abordagem como na fala do Participante 11. Outros participantes utilizaram o espaço para pedir que os acadêmicos abordem determinados assuntos nas oficinas, conforme expresso pelos participantes 12 e 13, como também uma orientação maior (Participante 14).

“Não ouvi bem, porque estou mais ou menos surda. Gostaria de falar mais alto ou assistência individual. Valeu. Obrigado!”
(Participante 10 – Pós-transplante).

“Eu acho que este teste [referindo aos pré e pós-teste] deveria ser feito em outro local, pois não dá nem para prestar muita atenção porque a gente chega aqui [referindo ao ambulatório] cedo, e esta com fome e cansado, de esperar o medico. Mais valeu, as pessoa que deu a palestra [referindo aos acadêmicos] são muito bom. Obrigado.” (Participante 11 – Pré-transplante).

“Falar sobre a qualidade de vida de quem tem problema no fígado em geral.” (Participante 12 – Pré-transplante).

“Falar também sobre o açúcar.” (Participante 13 – Pré-transplante).

“Deveria orientar mais os pacientes, pois a maioria não sabe dessas informações.” (Participante 14 – Pré-transplante).

Discussão

A população contemplada pelo Projeto consiste em pacientes candidatos ou já submetidos ao transplante hepático e que aguardam atendimento médico. Segundo os resultados apurados, os pacientes do pré e pós-transplantes apresentaram melhor desempenho nos testes de conhecimento aplicados após as oficinas, sendo os pacientes pré-transplante com maior número de acertos. Além disso, os comentários deixados nas fichas sugerem que a Sala de Espera desempenha papel educativo. Além disso, as pessoas

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



aceitaram bem essa atividade, interagindo com os alunos e sentindo-se acolhidas. No entanto, estratégias complementares se fazem necessárias de forma a reforçar os conceitos e as recomendações abordadas em cada oficina, bem como a aplicação de testes de conhecimentos em um período de tempo mais distante às oficinas de forma a verificar a efetividade da Sala de Espera em longo prazo.

As oficinas, estratégia principal utilizada neste estudo, têm como princípios fundamentais: ser uma experiência de crescimento pessoal e aprendizagem (tanto para o acadêmico como para o paciente); constituir-se em um meio social e cultural que molda a forma pela qual os indivíduos aprendem e se expressam (BRÊTAS & PEREIRA, 2007). Além disso, as oficinas podem configurar em um meio para colocar em prática os conceitos aprendidos em sala de aula e desenvolvê-los fora dela, visto que a partir do momento em que há esse contato entre o acadêmico e a sociedade assistida por ele, acontece por parte dos dois lados, benefícios (RODRIGUES *et al.*, 2013).

Esse contato entre acadêmico e sociedade é um dos objetivos da extensão universitária que visa interligar a universidade em suas atividades de ensino e pesquisa com as demandas da população, mas ao mesmo tempo buscando respeitar o compromisso social da universidade (BRÊTAS & PEREIRA, 2007). A extensão universitária é uma ação de uma universidade junto à comunidade, através dela, constroem-se novos e diferentes saberes, numa diferenciação entre o saber popular, que seria o da sociedade, e o saber científico, que é o das universidades (DIVINO *et al.*, 2013). Além disso, a extensão consiste em uma forma de difusão, socialização e democratização do conhecimento existente, bem como das novas descobertas à comunidade (SANTOS, 2010).

Na literatura, existem diversos estudos que exemplificam o uso da Sala de Espera como estratégia para a educação e promoção de saúde (SILVA *et al.*, 2013). Estudos recentes demonstraram que a educação do paciente na Sala de Espera de um consultório médico, por exemplo, pode ser um tempo ideal e apropriado para os pacientes obterem fatos e conhecimentos sobre doenças relacionadas à saúde (CHAN *et al.*, 2010). No

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



entanto, são poucos os estudos que utilizam uma Sala de Espera para tratar questões em torno do transplante hepático, envolvendo pacientes pré e pós-transplantes.

A Sala de Espera consiste em um ambiente dinâmico onde ocorre mobilização de diferentes pessoas a espera de um atendimento de saúde (TEIXEIRA & VELOSO, 2006). Um dos grandes desafios é não torná-la em uma simples “palestra”, na qual as informações tivessem um sentido unidirecional. Mas, sim, transformar aquele espaço de espera em um grupo, no qual pudessem ocorrer trocas de experiências entre os participantes e consistisse em um lugar para pensar sobre um determinado assunto, tirar dúvidas, fornecer orientações, etc. (ZAMBENEDETTI, 2012). Nesse sentido, as oficinas configuram uma potencial estratégia para tratar tais questões.

Mesmo os acadêmicos tendo elaborado um roteiro prévio das informações a serem ditas em cada oficina, os encontros nas dinâmicas em grupo podem tomar rumos e enfoques diferenciados. Os grupos podem variar conforme o humor e o perfil dos pacientes (pré ou pós-transplante, maior ou menor número de pessoas, perguntas, exposição de questões e “cenas”, ou o fato de ser a primeira ou a terceira oficina assistida) (ZAMBENEDETTI, 2012). Essa pluralidade exige que o acadêmico crie artifícios para conseguir atenção e estabelecer vínculo com os participantes de forma a transmitir as informações.

Ademais, a entrega de materiais informativos desenvolvidos pelos acadêmicos, como folders e cartilhas, conforme realizado neste presente estudo, atua na construção do conhecimento dos alunos, pois aponta para a atitude reflexiva e problematizadora deles (SANTOS, 2012). Esses materiais também funcionam como um complemento das informações que foram conversadas em cada oficina e como veículos de disseminação na família, no trabalho e, ou na comunidade, proporcionando, ao participante, aprofundar-se nas informações e atuar como um multiplicador (GOMES *et al.*, 2006).

Com relação à utilização da Sala de Espera, como estratégia pedagógica, percebe-se algumas dificuldades: o paciente pode ser chamado para a consulta no meio da oficina ou

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



durante a realização dos testes, o que dificulta avaliar o seu grau de conhecimento daquele tema, além de perder parte da intervenção. Além disso, trata-se de um ambiente com fluxo de pessoas e ruídos competitivos, o que pode impedir a concentração e retenção da informação (GOMES, 2006). Vale ressaltar que os temas discutidos possuem grande influência na participação, pois o tema escolhido é adotado como um motivador para iniciar o processo interativo entre o facilitador e o público (TEXEIRA & VELOSO, 2006).

Diante disso, observa-se que a prática de ensino-aprendizagem desenvolvida na Sala de Espera possibilita ao aluno desenvolver sua capacidade de comunicação, interação com o paciente e práticas educativas. Não se restringe apenas a transmissão de conhecimento, mas ao reconhecimento da realidade sociocultural do sujeito, suas representações, seus (pre)conceitos, formas populares de cuidado (TEIXEIRA & VELOSO, 2006), como também os aspectos envolvidos ao manejo do transplante hepático. Além disso, Sala de Espera ameniza o desgaste físico e emocional associado ao tempo de espera por algum atendimento. Essa espera pode gerar ansiedade, angústia, revolta, tensão e comentários negativos em torno do atendimento dos serviços públicos de saúde (RODRIGUES *et al.*, 2009).

4. Conclusão

A construção da Sala de Espera revelou-se como espaço de construção de conhecimento, compartilhamento de experiências, sentimentos, dúvidas e socialização dos saberes técnico-científico e popular. Ocasinou, ainda, maior compreensão dos acadêmicos de nutrição sobre o seu papel de cidadãos e futuros nutricionistas, como também divulgação de sua profissão. Além disso, a Sala de Espera, como espaço de educação em saúde, dialoga com os princípios da extensão universitária, devido ao estabelecimento do vínculo entre acadêmico e sociedade permitindo a aprendizagem de ambos ao mesmo tempo.

As atividades de grupo favorecem o desenvolvimento do sujeito, diante das diversidades e variações das características grupais. Através do trabalho de Sala de Espera

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



é possível captar os pacientes do Ambulatório para as atividades de educação alimentar e nutrição, grupo e atendimento individual. Ademais, ao trabalhar em prol da promoção da saúde, por meio da dialogicidade e em grupos, permite a reflexão e a conscientização, além disso, os sujeitos tornam-se coparticipantes da construção do conhecimento coletivo e protagonistas da sua própria saúde.

5. Referências

AGUIAR, M. I. F.; BRAGA, V. A. B. O significado do transplante de fígado para o paciente em lista de espera: abordagem fenomenológica. **Revista Cubana de Enfermería**, v. 28, n. 4, p. 485-494, 2012.

ANASTÁCIO, L. R.; PEREIRA, M. C. A.; VILELA, E. G.; LIMA, A. S.; CORREIA, M. I. T. D. Excesso de peso em pacientes submetidos ao transplante hepático. **Rev. Col. Bras. Cir.**, v. 40, n. 6, p. 502-507, 2013.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Marco de referencia de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas**. Brasília, p. 23. 2012.

BRÊTAS, J. R. S.; PEREIRA, S. R. Projeto de extensão universitária: um espaço para formação Profissional e promoção da saúde. **Trab. educ. Saúde**, v. 5, n. 2, p. 367-380, 2007.

CHAN, Y.-F.Y.; NAGURKA, R.; RICHARDSON, L. D.; ZAETS, S. B.; BRIMACOMBE, M. B.; LEVINE, S. R. Effectiveness of Stroke Education in the Emergency Department Waiting Room. **Journal of Stroke and Cerebrovascular Diseases**, v. 19, n. 3, p. 209-215, 2010.

DIVINO, A. E. do A.; OLIVEIRA, C. E. L. de; COSTA, C. A. de C.; NETA, H. R. de S.; CAMPOS, L. da S.; MENEZES, R. M. de J.; CABRAL, S. C. da S.; COSTA, C. L. N. do A. A extensão universitária quebrando barreiras. **Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais**, v. 1, n. 16, p. 135-140, 2013.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, A. M. A.; ALBUQUERQUE, C. M.; MOURA, E. R. F.; SILVA, R. M. Sala de Espera como ambiente para dar informações em saúde. **Cadernos saúde coletiva**, v. 14, n. 1, p. 7-18, 2006.

MENDES, K. D. S.; ROSSIN, F. M.; ZIVIANI, L. C.; CASTRO-E-SILVA, O.; GALVÃO, C. M. Necessidades de informação de candidatos ao transplante de fígado: O primeiro passo do processo ensino-aprendizagem. **Rev. Gaúcha Enferm**, v. 33, n. 4, p. 94-102, 2012.

RODRIGUES, A. D.; DALLANORA, C. R.; ROSA, J.; GERMANI, A. R. M. Sala de Espera: um ambiente para efetivar a educação em saúde. **Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI**, v. 5, n. 7, p. 101-106, 2009.

SANTOS, M. P. Contributos da extensão universitária brasileira à formação acadêmica docente e discente no século XXI: um debate necessário. **Rev. Conexão UEPG**, v. 6, n. 1, p. 1-15, 2010.

SANTOS, M. P. Extensão universitária: espaço de aprendizagem profissional e suas relações com o ensino e a pesquisa na educação superior. **Rev. Conexão UEPG**, v. 8, n. 2, p. 154-163, 2012.

SILVA, M. C. O. S.; SILVA, K. L.; SILVA, P. A. B.; VAZ, F. M. O. A Sala de Espera como espaço de educação e promoção de saúde à pessoa com insuficiência renal crônica em hemodiálise. **J. res.: fundam. care.** Online, v. 5, n. 3, p. 253-263, 2013.

SIMO, K. A.; SEREIKA, S.; BITNER, N.; NEWTON, K. N.; GERBER, D. A. Medical epidemiology of patients surviving ten years after liver transplantation. **Clin Transplant**, v. 25, n. 3, p. 360-367, 2011.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



Apoio:





7º CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

07 a 09 de setembro de 2016



TEIXEIRA, E. R.; VELOSO, R. C. O grupo em Sala de Espera: território de práticas e representações em saúde. **Texto Contexto Enferm**, v. 15, n. 2, p. 320-325, 2006.

WILD, C. F.; SILVEIRA, A.; ROSA E.; FAVERO, N. B.; GUETERRES, É. C.; LEAL, S. D. S. Educação em saúde na Sala de Espera de uma policlínica infantil: relato de experiência. **Rev. Enferm UFSM**, v. 4, n. 3, p. 660-666, 2014.

ZAMBENEDETTI, G. Sala de Espera como Estratégia de Educação em Saúde no Campo da Atenção às Doenças Sexualmente Transmissíveis. **Saúde Soc.**, v. 21, n. 4, p. 1075-1086, 2012.

ISBN: 978-85-93416-00-2

Realização:



Parceiros:



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

